

Compreendendo o NEABI: conceito, história e seus impactos e influências na educação brasileira

Araujo, Cleide Maria Fernandes de  ¹

Ribeiro, Cristiane Maria  ²

RESUMO

Este artigo buscou conceituar os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, descrever a história do seu surgimento e desenvolvimento, considerando como marco temporal os primeiros grupos de estudos voltados para temáticas étnico-raciais no Brasil até a atualidade. Para atingir esse propósito, adotamos uma metodologia que abrange a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Para a análise documental, procuramos legislações que estabelecem diretrizes governamentais para a implementação dos NEABIs. Apresentamos o conceito sob diferentes perspectivas e a trajetória dos grupos de estudos voltados para temática étnico-racial. O estudo identificou que os primeiros núcleos de pesquisa surgiram na década de 1950, liderados por intelectuais negros com o objetivo de combater o racismo. Esses espaços também promoveram mudanças pedagógicas, incentivando educadores a adotarem abordagens mais inclusivas. Concluímos que os NEABIs desempenham um papel essencial no avanço de políticas inclusivas e na promoção de uma educação que respeita e valoriza as identidades afro-brasileiras e indígenas³.

Palavras-chave: NEABI; associações negras; antirracismo.

Understanding NEABI: concept, history and its impacts and influences on Brazilian education

ABSTRACT

¹ Instituto Federal Goiano. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino para Educação Básica do Instituto Federal Goiano PPGEnEB – Campus Urutaí. Email: cleide.6@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8966092733662825>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-7630-0483>.

² Instituto Federal Goiano. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino para Educação Básica do Instituto Federal Goiano PPGEnEB – Campus Urutaí. Email: cristiane.maria@ifgoiano.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8450101390089471>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7564-3295>.

³ Este artigo é derivado da dissertação de mestrado intitulada “Atuação do NEABI do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro Campus Paracatu no âmbito do ensino, pesquisa e extensão”, a qual foi defendida em 28/04/2025, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí.

This article sought to conceptualize the Centers for Afro-Brazilian and Indigenous Studies, describe the history of their emergence and development, considering as a time frame the first study groups focused on ethnic-racial issues in Brazil until the present day. To achieve this purpose, we adopted a methodology that encompasses bibliographic research with a qualitative approach. For the documentary analysis, we looked for legislation that establishes government guidelines for the implementation of NEABIs. We present the concept from different perspectives and the trajectory of study groups focused on ethnic-racial issues. The study identified that the first research centers emerged in the 1950s, led by black intellectuals with the objective of combating racism. These spaces also promoted pedagogical changes, encouraging educators to adopt more inclusive approaches. We conclude that NEABIs play an essential role in the advancement of inclusive policies and in the promotion of an education that respects and values Afro-Brazilian and indigenous identities.

Keywords: NEABI; black associations; anti-racism.

Entendiendo la NEABI: concepto, historia y sus impactos e influencias en la educación brasileña

RESUMEN

Este artículo buscó conceptualizar los Centros de Estudios Afrobrasileños e Indígenas, describir la historia de su surgimiento y desarrollo, considerando como marco temporal los primeros grupos de estudios centrados en temas étnico-raciales en Brasil hasta la actualidad. Para lograr este propósito, adoptamos una metodología que abarca la investigación bibliográfica con un enfoque cualitativo. Para el análisis de documentos, buscamos legislación que establezca pautas gubernamentales para la implementación de NEABI. Presentamos el concepto desde diferentes perspectivas y la trayectoria de grupos de estudio centrados en temáticas étnico-raciales. El estudio identificó que los primeros centros de investigación surgieron en la década de 1950, liderados por intelectuales negros con el objetivo de combatir el racismo. Estos espacios también promovieron cambios pedagógicos, alentando a los educadores a adoptar enfoques más inclusivos. Concluimos que los NEABI desempeñan un papel esencial en el avance de políticas inclusivas y la promoción de una educación que respete y valore las identidades afrobrasileñas e indígenas.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca conceituar os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – NEABIs, descrever a história do seu surgimento e desenvolvimento, considerando como marco temporal desde os primeiros grupos de estudos voltados para temáticas étnico-raciais no Brasil até a atualidade.

Esses núcleos surgiram como resposta às demandas históricas de inclusão e valorização da população negra e indígena brasileira. Estão presentes em diversas instituições de ensino, com o foco na promoção da igualdade, combate à discriminação e ao racismo, além de fortalecer a identidade étnico-racial por meio de atividades que podem contemplar o ensino, a pesquisa e a extensão.

Para alcançar o objetivo proposto, adotou-se uma metodologia de natureza qualitativa, fundamentada na pesquisa bibliográfica. Essa abordagem possibilita uma compreensão aprofundada de referenciais teóricos que dialogam com a temática em questão, permitindo a sistematização do conhecimento já produzido sobre o assunto. Nesse aspecto, Bastos; Ferreira (2016), esclarecem que a pesquisa bibliográfica é um tipo de pesquisa que busca responder a um problema por meio da análise de materiais já publicados, incluindo livros, artigos científicos, dissertações e teses. Esse tipo de estudo se fundamenta em produções acadêmicas previamente submetidas a rigorosos critérios científicos, assegurando a validade e a confiabilidade das informações apresentadas à comunidade acadêmica e à sociedade.

Nesse contexto, para a seleção dos estudos que fundamentam esta pesquisa, foram consultadas bases de dados acadêmicas, como a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Portal de Periódicos da CAPES e repositórios institucionais. A busca foi orientada pela relevância dos estudos para a temática investigada, priorizando produções que contribuíssem para a compreensão das dinâmicas socioculturais, educacionais e políticas que envolvem os NEABIs e grupos correlatos. Foram consideradas publicações de diferentes períodos, permitindo uma visão ampla da evolução conceitual e metodológica sobre o tema. Nesse contexto, destacam-se as produções acadêmicas de Domingues (2007), Gomes (2009), Mourão (2011), Oliveira (2014) e Ratts (2011), cujas pesquisas fornecem subsídios teóricos importantes para este estudo.

Cabe destacar, ainda, a utilização de obras relevantes para a compreensão do papel e da atuação desses núcleos e grupos correlatos. Entre elas, destaca-se Marques; Silva (2016), organizadores da obra “Educação, Relações Étnico-Raciais e Resistência: as experiências dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas no Brasil”, analisam as experiências de NEABIs e grupos correlatos em diferentes regiões do Brasil, abordando suas contribuições para o ensino, pesquisa e extensão. O estudo apresenta um panorama de setenta e dois NEABIs e grupos correlatos registrados no Consórcio Nacional de Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (CONNEABS) na época, indicando suas respectivas localizações e instituições vinculadas. Além disso, evidencia as trajetórias e a organização de dezesseis desses grupos, consolidando-se como uma referência essencial para pesquisadores, educadores e gestores ao fornecer subsídios para a democratização do conhecimento e a valorização da diversidade cultural.

Outra obra utilizada na pesquisa foi organizada por Coelho; Silva e Soares (2016), intitulada “Núcleo Gera dez anos: entre a Universidade e a Escola Básica, a qual aborda os eventos promovidos pelo núcleo no período de 2006 a 2016. Além de documentar as atividades realizadas, a obra reúne depoimentos de membros que vivenciaram experiências transformadoras ao longo de sua participação, evidenciando seu impacto na formação acadêmica, cultural e social dos envolvidos. Dessa forma, a obra contribui para a compreensão da importância desses espaços na promoção do pensamento crítico, bem como na valorização das identidades e expressões culturais.

Na análise documental, procuramos normativas legais, incluindo Leis, Decretos e Resoluções que têm estabelecido diretrizes governamentais para a criação e a implementação dos NEABIs. Essa abordagem permitiu observar as transformações ocorridas ao longo do tempo, considerando o marco temporal definido, desde os primeiros grupos de estudos étnico-raciais até os mais contemporâneos.

Inicialmente, apresentamos o conceito de NEABI sob diferentes perspectivas. Também abordamos seus objetivos e finalidades para compreendermos o contexto de atuação desses núcleos. Além disso, apresentamos as experiências dos membros, conforme relatado em alguns estudos, enfatizando as transformações sociais, acadêmicas e profissionais proporcionadas por esses núcleos e/ou grupos correlatos.

Em seguida, exibimos a trajetória dos grupos de estudos voltados para a temática étnico-racial no Brasil, cuja origem remonta à década de 1950, quando surgiram as primeiras iniciativas acadêmicas. Esses grupos pioneiros,

constituídos especialmente por pesquisadores negros, dedicaram-se a produção de conhecimento com pesquisas sobre as relações raciais.

Com base no exposto, pretendemos por meio deste artigo possibilitar a compreensão do papel dos NEABs na educação brasileira e na sociedade, destacando suas conquistas, desafios e impactos na produção do conhecimento e na promoção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

NEABs⁴: uma abordagem conceitual

Nesse contexto pedagógico direcionado para a educação nas relações étnico-raciais, os NEABs desenvolvem-se como espaços e fóruns que se estabeleceram como locais de destaque para a reunião, coordenação, discussão e formulação de propostas de estudos e pesquisas. Esses núcleos envolvem intelectuais tanto negros(as) quanto não negros(as), que trabalham com a temática das relações raciais, tanto no ambiente institucional quanto fora dele (Siss; Barreto; Oliveira, 2013).

Ao definir os NEABs, Gomes (2009) destaca que são nestes locais que os intelectuais negros brasileiros atualmente geram conhecimento.

Os NEAB's são núcleos compostos de pesquisadores e pesquisadoras, na sua maioria negra, que tematizam a diversidade étnico-racial e realizam ações de ensino, pesquisa e extensão voltados para a mesma. Esses núcleos, apesar de nem sempre ocuparem lugares hegemônicos no interior das universidades onde estão localizados possuem uma atuação que se traduz na produção de um conhecimento politicamente posicionado. À questão étnico-racial não é considerada pelos pesquisadores que os integram apenas como mais um tema de pesquisa, mas, sim, como uma questão social, política e de pesquisa que demanda da universidade a produção de novos conhecimentos e do Estado novas formas de intervenção na luta anti-racista (Gomes, 2009, p. 427).

Segundo Ratts (2011), muitos NEABs são como espaços negros em meio a um ambiente branco.

Vários NEABs se constituem como “territórios negros no espaço branco” acadêmico, se tornam grupos de estudos e pesquisas, realizam projetos de extensão e de qualificação de

⁴ Ao longo desta pesquisa, o leitor se deparará com as expressões NEAB, NEABI ou grupos correlatos. Essa variação ocorre em virtude das diversas nomenclaturas atribuídas ao núcleo. Posteriormente, uma explicação sobre a polissemia no contexto dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABIs) será apresentada.

professores/as para a educação das relações étnico-raciais (no espírito da lei 10639/03) e elaboram propostas de ações afirmativas para a população negra (Ratts, 2011, p. 36).

Nesse contexto, Siss, Barreto e Oliveira (2013) afirmam que os NEABs têm como objetivo se estabelecer como um centro de referência que coordena e impulsiona atividades de ensino, pesquisa e extensão dentro do campo de estudos afro-brasileiros.

Alves (2020), amplia os objetivos do NEABI ao incluir a importância do diálogo com os envolvidos:

Dentre os objetivos que o Neabi representa estão referenciados o diálogo com as disciplinas, com docentes, discentes e comunidade, favorecendo a interdisciplinaridade e a construção do conhecimento através da tríade Ensino, Pesquisa e Extensão (Alves, 2020, p. 4).

Ainda com relação ao objetivo dos núcleos, Souza (2021) aponta que buscam promover a educação para relações étnicas e valorizar os legados de grupos historicamente excluídos, como negros e indígenas.

A educação para as relações étnicas, a produção de etnicidades, a valorização de diferentes legados, especialmente de coletivos negros, indígenas que, historicamente, foram excluídos dos espaços de produção de conhecimento, têm sido centrais para a produção de outros saberes e epistemologias que tencionam a ciência eurocêntrica, esse movimento de descolonização do pensamento e enfrentamento do racismo tem sido um dos objetivos dos NEABs em todo território brasileiro (Souza, 2021, p. 56).

Oliveira (2016) acrescenta, que os NEABs se constituíram como espaços de formação política e produção de conhecimento, onde a questão racial passou a ser discutida e pesquisada.

Institucionalmente, os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros transformaram-se em *lócus* privilegiados de formação, aglutinação, articulação, debates, propostas de estudos de pesquisas de negros(as) e não negros que atuam academicamente com a temática das relações raciais e cultura afro-brasileira e suas intersecções no campo da educação e cultura. Em outras palavras, os NEABs constituíram-se polos de formação política onde se concentram e circulam os intelectuais negros no sentido antes definido por Santos (Oliveira, 2016, p. 200).

Ainda de acordo com Oliveira (2016), por meio do desenvolvimento de suas atividades, os NEABs estão se tornando cada vez mais espaços de formação e de produção de conhecimento numa sociedade profundamente estratificada, preconceituosa e desigual como a brasileira.

Para Marques e Silva (2016), os NEABs são núcleos que buscam fortalecer a luta e a resistência, com o objetivo de valorizar a população negra e assegurar a expansão de direitos através de iniciativas acadêmicas que contribuem para a formulação de políticas destinadas à eliminação do racismo e da discriminação.

Segundo Dias (2020), os NEABs despontam com funções de apoio ao processo de implementação às Leis 10.639/03 e 11.645/08.

Apresentam-se como ações afirmativas que têm como objetivo a valorização da identidade, memória e cultura das consideradas “minorias” (no caso dos NEABs, as minorias afro-brasileiras e indígenas), reivindicadas historicamente pelos movimentos afro-referenciados, os quais se organizam para lutar por igualdade de reconhecimento, por mais democracia, para que suas diferenças sejam aceitas (Dias, 2020, p. 58).

Ao definir NEABs, Roza (2022), afirma que eles são, em sua maioria, compostos pela intelectualidade negra servindo como ponto de referência e apoio para intelectuais que estudam questões étnico-raciais e se dedicam à luta antirracista.

Os NEABs são espaços majoritariamente negros engendrados pela intelectualidade negra no âmbito das universidades e outras instituições de ensino. São um encontro, que se faz no ambiente acadêmico, com o intuito de enegrecer a produção de conhecimento, de ser um espaço de referência para intelectuais negros(os) e não negros(os) nas universidades, que tematizam a questão étnico-racial e se dedicam às lutas antirracistas, de ser um encontro acadêmico, político e afetivo (Roza, 2022, p. 100).

De acordo com Gomes (2009), a produção acadêmica e política dos NEABs questiona a perspectiva de conhecimento científico que se encontra dissociada da realidade social e política do país, bem como das necessidades apresentadas pelos movimentos sociais e diversas esferas da sociedade.

Nesse sentido, Martins; Souza (2021), destacam a relevância do NEABI em suprir essa ausência.

[...] Daí a importância da consolidação do NEABI enquanto instância que prima pelos estudos e projetos que despertem o

olhar da comunidade escolar para as relações étnico-raciais, mas sobretudo enquanto ponto de debate das questões atuais dos povos negros e indígenas (Martins; Souza, 2021, p. 11).

Outro aspecto a ser examinado é a polissemia dos NEABIs no contexto educacional. A esse respeito, Roza (2022) esclarece que esses núcleos apresentam uma variedade de significados, refletindo nas diversas denominações que recebem nas instituições de ensino. Eles podem ser chamados de Núcleos de Estudos Africanos e Afrodescendentes, Núcleo de Estudos Afrodescendentes e Indígena, Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, e outros grupos correlatos, bem como Laboratórios, Programas, Grupos, Centros, Observatórios, Redes e Órgãos, dentre outros.

A autora afirma que a institucionalização é um processo complexo e diverso. Os núcleos podem nascer institucionalizados com a denominação NEAB ou com outras denominações como tentativa de inserção na estrutura organizacional. Também é comum a institucionalização ocorrer após um período de existência do núcleo, ou ainda haver núcleos que existem e resistem, mas não são reconhecidos institucionalmente.

Menciona que a polissemia em volta dos NEABs envolve alguns aspectos. Que a trajetória desses núcleos, a inserção da intelectualidade negra, e de aliados não negros nesses espaços, resulta de estratégias desenvolvidas no ambiente institucional. Essas estratégias podem incluir a inserção no organograma da universidade, a obtenção de recursos com base em demandas específicas do coletivo institucional, ou a manutenção de uma dinâmica própria, sem se preocuparem com o enquadramento institucional.

Subsidiando a análise de Roza (2022), Miranda et al. (2018), relatam que os nomes atribuídos aos grupos registrados na Associação Brasileira de Pesquisadores Negros - ABPN variam devido à orientação específica de institucionalização implementada em cada instituição de ensino. Diante dessas condições, destaca-se a similaridade entre esses grupos, núcleos ou laboratórios, que se dedicam a realizar ações no âmbito da pesquisa, ensino e extensão, com foco nas relações raciais no Brasil, bem como na história e cultura afro-brasileira e africana.

Os trabalhos realizados pelos NEAB's nas áreas de pesquisa, ensino e extensão dentro das universidades em todo o país distinguem-nos de outros espaços, caracterizando-os como sujeitos ativos e coletivos na luta ideológica contra o racismo. Os autores afirmam que o racismo opera como uma ideologia dominante e está disseminado por toda a sociedade, inclusive nas

universidades, funcionando como um sistema de valores culturais que permeia, penetra, socializa e integra o sistema social em sua totalidade. Nesse contexto, os NEAB's ganham crescente importância e significado, tornando-se espaços de formação e produção de conhecimento contra-hegemônico. Além de combater o racismo do ponto de vista epistemológico, esses núcleos também enfrentam o racismo institucional (Siss; Barreto; Oliveira, 2013).

De forma a exemplificar a atuação dos núcleos e grupos correlatos, assinalamos Marques; Silva (2016), organizadores da obra Educação, Relações Étnico-Raciais e Resistência: as experiências dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas no Brasil, apresentam as experiências dos NEABIs e grupos correlatos das diferentes regiões do País com o objetivo de divulgar o contexto de produção do conhecimento e as ações realizadas pelos núcleos no âmbito do ensino, pesquisa e extensão.

A obra apresenta um quadro com os setenta e dois NEABIs e grupos correlatos registrados no CONNEABS na época, incluindo sua localidade e instituição. Além disso, demonstra as ações e as produções científicas desenvolvidas por dezesseis NEABIs e grupos correlatos de diferentes regiões do Brasil, nos quais eles expõem sua trajetória, organização e atuação. A seguir apresentamos alguns exemplos da atuação dos NEABIs e grupos correlatos.

Bente, Pereira e Costa (2016, p. 20, 23) descrevem que o Núcleo de Estudos Africanos e Afrodescendentes - NEAAD da Universidade Federal de Goiás que teve sua origem no ano de 2005, sob a coordenação dos professores: Alecsandro (Alex) J.P. Ratts e Joaze Bernadino Costa. Esse núcleo “desenvolveu ações de pesquisa e extensão com alunos e professores de vários cursos da UFG, além de se consolidar junto à rede nacional e internacional de pesquisadores que discute as relações étnico-raciais”. Em 2011, o núcleo passou por reestruturação e foi nomeado Núcleo de Estudos Afrodescendente e Indígena sob a liderança das professoras Mariana Cunha Pereira e Cristiane Maria Ribeiro, com o seguinte objetivo:

Nosso objetivo é discutir as relações étnico-raciais na escola, tendo como *lôcus* tanto o município de Goiânia quanto a região metropolitana, procurando demonstrar os diferentes recortes pelos quais é possível discutir e contribuir com a implementação das ações que consolidam as Diretrizes da Educação para as Relações Étnico-raciais, bem como as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Nossa contribuição é uma reflexão sobre como a Educação das Relações Étnico-raciais/ERER tem encontrado um campo fértil de debate e, ao mesmo tempo, alguns entraves (Bente; Pereira; Costa, 2016, p. 23).

Algumas atividades realizadas pelo núcleo na época incluem: curso piloto para professores da Rede Municipal de Goiânia intitulado: Educação Antirracista: desafios e perspectivas. Uma nova edição do curso, voltada para os técnicos, recebeu o título: Apoio Pedagógico. Criação do Projeto Permanente de Colóquios – Colóquios do NEAD. Realização de eventos e seminários. Proposição de ações interdisciplinares. Desenvolvimento de projeto de extensão. Apoio ao surgimento da Comissão de Ação Afirmativa – CAF, dentre outras (Bente; Pereira; Costa, 2016).

Outro exemplo é o Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – LEAFRO/NAEAB-UFRRJ teve seu início de atividades no primeiro semestre de 2006, com “o objetivo de produzir, incentivar e acompanhar as políticas de ação afirmativa nas instituições, no âmbito da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro” (Siss; Fernandes; Costa, 2016, p. 125).

Entre as iniciativas, ressalta-se a criação do Programa Observatório das Políticas de Democratização de Acesso e Permanência na Educação Superior (OPAA). Este laboratório vem atuando no campo das ações afirmativas e no ensino superior, contribuindo com as discussões sobre a necessidade e a viabilidade de se estabelecer uma política de ação afirmativa racial ou etnicamente direcionada aos Afro-Brasileiros. Seu objetivo é promover o ingresso e a permanência bem-sucedida de estudantes negros(as) no ensino superior, particularmente na UFRRJ (Siss; Fernandes; Costa, 2016).

Em acréscimo, tem-se o Centro de Estudos dos Povos Afro-Índio-Americanos – CEPAIA. Fundado em 1996 e localizado no Centro Histórico de Salvador, a partir de 1999 a responsabilidade passou para a Universidade do Estado da Bahia. Sua função é promover estudos, debates para questionar perspectivas etnocêntricas e avançar políticas de igualdade étnico-racial, com foco nas populações negras e indígenas (Mattos; Macêdo, 2016).

[...] função passou a ser a promoção de estudos, pesquisas e formação, estabelecendo-se como um espaço de debate e interlocução sobre as populações negras e sobre os povos indígenas do Brasil e das Américas, de modo a fortalecer a revisão crítica de noções etnocêntricas e o processo de institucionalização de políticas públicas de promoção da igualdade étnico-racial (Mattos; Macêdo, 2016, p. 171).

O CEPAIA está organizado em três áreas temáticas: ações afirmativas, África e Diáspora e Africanidades Brasileiras e Comunidades Tradicionais e Religiosidade. Entre as ações mais relevantes destacam-se: O Seminário Áfricas (realizado nos anos de 2009, 2010 e 2011), Programa de Formação

Inicial nos Estudos Africanos: História, Antropologia e Literatura 2009 e a Conferência Ações Afirmativas em 2011 (Mattos; Macêdo, 2016).

O Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Formação de Professores e Relações Étnico-raciais - GERA teve suas atividades iniciadas no ano de 2006. Seu objetivo reside:

[...] no aprofundamento do conhecimento sobre relações étnico-raciais na análise de questões relacionadas à formação educacional e cultural contemporânea a partir da realidade amazônica. Trata-se de uma diretriz para o atendimento desse chamado à responsabilidade sobre o qual dispõe as ações do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Coelho; Soares, 2016 p. 60).

O núcleo desenvolve suas atividades por meio da formação, discussão, divulgação e projetos de pesquisa. O trabalho de pesquisa envolve pesquisadores consolidados, alunos de programas de pós-graduação, nos níveis de mestrado e doutorado e alunos de graduação por intermédio da concessão de bolsas de Iniciação Científica. Além disso, inclui atividades sistemáticas de estudo, sendo a participação nessas atividades é condição para permanência no núcleo. O núcleo também promove eventos científicos, cursos de especialização em relações raciais, formação continuada nas escolas e publicações (Coelho; Soares, 2016).

Santos; Almeida; Borges (2016), no estudo denominado NEAB/CEFET/RJ: trajetória antirracista na rede profissional e tecnológica de ensino, os autores narram que a criação do núcleo ocorreu em maio de 2008 e que ele se apresenta como observatório de questões étnico-raciais e espaço de atuação da comunidade do CEFET/RJ. Seu objetivo:

[...] incentivar, apoiar e promover políticas de ação afirmativa, cuja proposta principal seja articular e promover atividades de estudo, ensino, pesquisa e extensão relacionadas a temáticas concernentes a população negra, a cultura afro-brasileira e africana e as diásporas africanas, como também ao cumprimento da Lei nº 10.639/2003” (Santos; Almeida; Borges, 2016, p. 252).

Dentre as diversas ações realizadas pelo núcleo, os autores relatam que ocorreu a revisão da matriz curricular de algumas disciplinas, instituição do projeto de Iniciação Tecnológica do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Tecnológica, criação de grupo de pesquisa além de realização de seminários. Também se enquadram nessas ações: realização de reuniões,

parceria com o programa de pós-graduação, realização de eventos, roda de conversa, dentre outras.

Os NEABIs e grupos correlatos se apresentam como uma iniciativa inclusiva e inovadora em um cenário desafiador, com a intenção de remediar as desigualdades históricas causadas pelo racismo. Isso ressalta a necessidade premente de abordar temas relacionados à identidade cultural, processos identitários, senso de pertencimento e empoderamento, abordando dimensões físicas, sociais e culturais, e auxiliando na conexão do indivíduo com suas raízes ancestrais (Dias, 2020).

Siss; Barreto; Oliveira (2013), destacam que, especialmente no campo da educação, os NEABs têm demonstrado uma atuação proativa e bem sucedida, dentro e fora das universidades. Isso é evidenciado pela formação continuada de professores por intermédio da realização de cursos de extensão, aperfeiçoamento e Pós-Graduação Lato Sensu, seminários, simpósios, ciclos de palestras e debates, pesquisas, entre muitas outras atividades também desenvolvidas no âmbito da Pós-Graduação Stricto-Sensu. Essas iniciativas têm como principal objetivo a implementação, implantação e institucionalização da Lei 10.639/2003, das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História da Cultura Afro-Brasileira e Africana (Resolução CNE/CP 01/2004 e Parecer do CNE/CP 03/2004), assim como o Plano Nacional de Implementação dessas Diretrizes (2009).

Com base nas iniciativas apresentadas, percebe-se que a finalidade intrínseca desses núcleos reside na promoção de estudos, pesquisas, formação, conscientização e, sobretudo, no estímulo a reflexão crítica e ao respeito à diversidade, contribuindo assim para a formação de cidadãos críticos e emancipados.

A voz dos membros: impactos e transformações

Os depoimentos a seguir destacam os impactos que a participação no NEABI ou em grupos correlatos promoveram em seus membros. Eles relatam experiências de crescimento profissional, acadêmico e pessoal, enfatizando a importância do núcleo na valorização da cultura afro-brasileira e sua contribuição para o fortalecimento da identidade étnico-racial. Além disso, ressaltam o papel do NEABI na promoção de um ambiente inclusivo e na formação antirracista.

Nesse contexto, Martins; Souza (2021), afirmam que o trabalho teórico e prático desenvolvido pelo NEABI é fundamental para implementar a educação

das relações étnico-raciais na sociedade brasileira, “uma vez que auxilia na formação de sujeitos emancipados, críticos e capazes de se manifestarem publicamente enquanto cidadãos” (Martins; Souza 2021, p.12).

Sob essa perspectiva, a atuação do Núcleo GERA exemplifica essa dinâmica. Com sua jornada iniciada em 2006, abordou em uma de suas publicações, intitulada Núcleo Gera dez anos entre a Universidade e a Escola Básica (2016), os eventos organizados pelo núcleo no período de 2006 a 2016 (Coelho; Silva; Soares, 2016).

A obra também traz depoimentos de membros que tiveram experiências transformadoras durante sua participação no núcleo.

Ter passado pela iniciação científica e ser integrante do Núcleo Gera somaram e muito em minha formação, tanto profissional quanto pessoal. Pois foi possível rever conceitos e corrigir posturas diante das temáticas que são tão caras ao Núcleo. Recebi uma formação para o enfrentamento do racismo, da discriminação e do preconceito; seja no espaço escolar, enquanto professor, ou na sociedade (Rafael da Silva Oliveira, p. 41).

E a militância acadêmica do Núcleo Gera – que passou também a ser a minha – consiste em formar professores para que não reproduzam desigualdades de diálogo com estudantes e respeitem a diversidade constitutiva da sala de aula (Camille Gouveia Castelo Branco Barata, p. 43).

[...] Acredito que em todos que ali passaram foram despertados para o seu potencial em modificar a realidade, fazer acontecer e fortalecer a educação em seus diversos contextos. Meu agradecimento será eterno, assim como minha lembrança quando alguém pergunta, por exemplo, “onde você aprendeu todas essas coisas?” E, com orgulho, posso dizer: com a professora Wilma Coelho, no Núcleo Gera. (Yuri Leandro do Carmo de Souza, p. 45).

Proporcionou uma oportunidade de repensar o papel de educadora e perceber que poderia ir além do repasse de conteúdo de uma disciplina e contagiar novos sujeitos em defesa de uma educação das relações raciais que realmente promova uma sociedade mais justa e igualitária. Imensamente grata ao Núcleo Gera! (Josimeire Gonçalves, p. 48).

A partir dos depoimentos, observamos que a formação continuada possibilita uma prática pedagógica ética e eficiente, incentivando a autoavaliação e a reflexão contínua sobre conteúdos e contextos sociais. A

formação em relações étnico-raciais capacita-os a lidar de maneira mais consciente e responsável com a diversidade cultural e a inclusão no ambiente educativo. Como aponta Oliveira (2020):

O aproveitamento das experiências nos cursos de formação continuada por profissionais reflexivos pode levar a uma atuação consciente, ética, responsável, eficiente, na proporção de como e por quais razões cada um internalizou as informações obtidas. Logo, são meios pelos quais auxiliam os professores (as) no exercício da reflexão sobre a prática pedagógica, sobre si mesmo (a), sobre os conteúdos a serem ministrados, sobre a cultura e o contexto social, no qual o espaço educativo está inserido (Oliveira, 2020, p. 58).

Já Silva (2018), em sua pesquisa intitulada: Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB) AYÓ: uma experiência em uma escola da rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro teve como objetivo analisar a trajetória histórica, política e pedagógica que marca a criação do NEAB dentro de uma escola de ensino fundamental, buscando refletir acerca das ações que impactam no cotidiano dos alunos, professores e comunidade do entorno, visando uma formação antirracista. Para isso, utilizou as narrativas dos indivíduos envolvidos com o NEAB para examinar a formação docente e as práticas pedagógicas. Segundo o autor, ao perguntar os professores quais eram as contribuições do NEAB AYÓ para a formação deles, ficou surpreso com os depoimentos:

Das contribuições do NEAB para minha formação, considero primordiais as conversas, sempre que o tempo permite, na sala dos professores, como também as leituras ofertadas, as reflexões sobre os trabalhos proposto aos alunos (Professora Célia Regina, p. 74).

O contato com o NEAB na Clementino Fraga, trouxe a mim uma inquietude e uma preocupação diante do que apresento ao meu aluno. Minha prática era contaminada por falas preconceituosas que eu reproduzia de forma mecanizada. Hoje me preocupo mais com relação a isso (Professora Marilene, p. 75)

Ajudou muito. Hoje penso o folclore de maneira mais ampla, incluindo as manifestações afro-brasileiras. Refletir sobre letras de cantigas tradicionais e expressões cotidianas de cunho racista (Professora Elisa, p. 75).

Tenho aprendido muito. Sobretudo, o verdadeiro significado de expressões populares de cunho racista (Professor Renato, p. 75).

O NEAB abriu minha visão para a questão afro-brasileira dentro da escola. Principalmente no trabalho de conscientização dos alunos desde muito pequenos. O aluno se reconhecer e se aceitar, além de aceitar e reconhecer o outro dentro da sociedade (Professora Isabelle, p. 75).

Além de trazer informações pertinentes e importantes para o nosso conhecimento, formação e trabalho pedagógico na UE, o NEAB contribui muito com os projetos, ações e intervenções diretas e indiretas, facilitando às crianças conhecer e ter contato com aspectos culturais e temáticas que são pouco abordadas no âmbito escolar. Assim contribui para a prática de conscientização social e cultural, valorização e respeito (Professora Taís, p. 75).

(...) ter o NEAB, é ter a oportunidade de formar estas crianças pessoas mais respeitadas, crianças conhecedoras de seus direitos, crianças críticas que não vão aceitar passar pelo preconceito, uma condição que é imposta, quando não deve ser. Então a aceitação do NEAB, foi para que nós tivéssemos a oportunidade de formar as nossas crianças o que nós não tínhamos antes, que a gente não conseguia formar antes, porque nós tínhamos uma direção que dizia que a escola não precisava disso, só que a escola sempre precisou (Diretora da escola, p. 43).

Nesse contexto, Lopes et al. (2021), afirmam que a teoria e a prática sempre estiveram interligadas no contexto dos NEABs. As iniciativas implementadas pelo núcleo visam não apenas disseminar conhecimentos teóricos, mas também criar espaços de reflexão e ação que contribuam para a formação antirracista e a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Outro exemplo positivo dessa realidade pode ser identificado no estudo apresentado por Faria; Alves; Silva (2022) intitulado: O grupo de estudos Ações Afirmativas (GEAA): uma construção coletiva de estudantes negras(os). O artigo busca apresentar os sentidos que estudantes negras e não negras atribuem ao Grupo de Estudos Ações Afirmativas (GEAA). Este grupo é uma das ações desenvolvidas pelo Programa de Ações Afirmativas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Os autores utilizaram as narrativas dos integrantes do grupo com o intuito de compreenderem a importância desses coletivos na valorização da autoestima, construção da identidade e do fortalecimento construído coletivamente. Afirmam que o Programa Ações Afirmativas, e outras

experiências do NEAB ou grupos correlatos, tornam-se essenciais ao se estabelecerem como “verdadeiros aquilombamentos acadêmicos, capazes de contribuir com a formação antirracista estudantil universitária” (Faria; Alves; Silva, p. 145).

Os depoimentos a seguir ilustram como o grupo tem contribuído na formação antirracista e emancipatória dos estudantes negras(os) e não negras(os).

Hoje é uma experiência extremamente importante pra mim, faz parte da minha trajetória acadêmica e não só da minha trajetória acadêmica, mas me auxilia a entender os espaços que ocupo fora da Universidade. Os meus ciclos e afetos que me faz entender também a vida de um jeito mais leve, porque eu ficava bem pilhada, bem preocupada com algumas questões, um medo imenso de não me sentir em casa quando eu estava com algumas pessoas e em alguns ciclos sociais. Fazer parte do GEAA, me possibilita que eu encontre meios de fazer a minha casa, que eu encontre também locais que sejam casa, a possibilidade de eu me aquilombar. Então o GEAA contribui racialmente na minha construção enquanto estudante e pesquisadora, no caso eu ainda não sou pesquisadora, mas enquanto estudante, essa necessidade de ocupar espaços dentro da Universidade, que eu entendo também que são meus por direito, enquanto estudante negra, que é a possibilidade de levar minhas vivências pros espaços de sala de aula, para minhas atuações e para fazer compartilhar saberes. O GEAA é um movimento de poder me aquilombar, estar dentro enquanto estudante sem precisar separar do que sou para me fazer presente porque me entendo como sujeito integral por um todo, que eu levo cada coisa que aprendo de um lugar para o outro. Então, isso tem sido mais ou menos a minha meta, o meu caminho acadêmico, principalmente na questão de entender que tenho vontade de entrar para pesquisas ou mapear questões de corpo-território com sujeitos negros e as relações étnico-raciais dentro da educação (Mahin, graduanda do curso de Pedagogia, p. 141-142).

E como estudante e pesquisadora, o GEAA agregou muito, racialmente falando, porque primeiro eu me racializei né? Me entendi como pessoa branca. Acho interessante o fato de eu ser a única pessoa branca, sabe? Da pra gente refletir bastante sobre. Eu entendi o meu papel, a minha posição racial e entendi a importância de me pronunciar diante às questões raciais. E também, a partir do GEAA eu fiquei com mais vontade de me fortalecer e fortalecer a minha argumentação porque eu sei que no local que eu ocupo, às vezes vou ser mais ouvida, e a minha voz contra o racismo, ela precisa ser

mais incisiva. Por causa do GEAA eu fiquei com vontade de me armar de argumento, porque eu entendi qual que é meu papel nessa luta (Mel graduanda do curso de Pedagogia, p. 142-143).

E ser parte deste coletivo com graduandas(os) negras(os) e brancas(os), acredito que para mim, fala muito sobre permanência e nutrição do meu eu e dos meus pares, fortalecimento do ser e do autoconhecimento da sua ancestralidade e atualidade (...). Ademais, para além, dos seus estudos e debates, centralizar-se dentro de pautas de caráter étnico-raciais, de ações afirmativas, O GEAA é um encontro de pares, ação afirmativa de permanência e resistência. (Odara graduanda do curso de Pedagogia, p. 143).

Com base nas vivências dos membros, notamos mobilizações direcionadas à construção de perspectivas futuras no estudo das relações étnico-raciais. Além disso, essas mobilizações contribuem para o desenvolvimento de conhecimentos que promovem uma educação emancipatória, democrática e antirracista.

Outro ponto a ser considerado diz respeito a formação continuada de docentes, observamos que contribuiu para reavaliar as práticas pedagógicas na perspectiva da educação étnico-racial.

Conforme afirmam Martins; Souza (2021), é fundamental que o NEABI e as instituições educacionais se posicionem ativamente contra as injustiças sociais, especialmente o racismo. Isso requer uma profunda reestruturação das bases pedagógicas, iniciada por meio de discussões abertas sobre as relações étnico-raciais. As instituições de ensino são espaços essenciais para essa transformação, devendo ser promotoras de emancipação e do respeito à diversidade.

Complementando, Roza (2022) declara:

Sobre os NEABs, são espaços engendrados pela intelectualidade negra acadêmica e outros sujeitos aliados da luta antirracista, onde se desenvolvem atividades de ensino, pesquisa e extensão voltadas para as relações étnico-raciais (Roza, 2022, p. 484).

Nesse sentido, é importante a criação de espaços, de resistência e liberdade, que reflitam o propósito do NEABI na luta contra as injustiças sociais. Tal como os quilombos, que historicamente simbolizam a resistência negra no Brasil, que acolhia negros e não negros, o NEABI se configura como um espaço contemporâneo de fortalecimento da identidade étnico-racial, de educação antirracista e promoção da inclusão. Esse espaço não acolhe apenas

indivíduos negros, mas também inclui não negros que compartilham do propósito do NEABI. Dessa forma, o NEABI representa a possibilidade de manter viva a esperança de um futuro em que a diversidade seja respeitada e todas as vozes sejam ouvidas.

Na sequência, será apresentado um breve histórico do contexto que envolve o surgimento dos NEABIs destacando a criação de centros de estudos na década de 1950, ilustrando o desenvolvimento dessas iniciativas em prol da promoção da igualdade étnico-racial e do reconhecimento das culturas afro-brasileira e indígena no cenário acadêmico brasileiro.

Surgimento dos NEABIs e grupos correlatos: um breve histórico

A luta dos movimentos sociais negros por acesso à educação formal e a exigência por políticas educacionais que considerassem as desigualdades raciais profundamente enraizadas na sociedade brasileira sempre ocuparam uma posição central na trajetória desses movimentos (Marques et al., 2016).

Domingues (2007), em sua pesquisa *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos*, descreve a formação desse movimento.

Já na primeira fase do movimento negro na era republicana (1889-1937), emergiram organizações de perfis distintos: clubes, grêmios literários, centros cívicos, associações beneficentes, grupos “dramáticos”, jornais e entidades políticas, as quais desenvolviam atividades de caráter social, educacional, cultural e desportiva, por meio do jornalismo, teatro, música, dança e lazer ou mesmo empreendendo ações de assistência e beneficência. Em momento de maior maturidade, o movimento negro se transformou em movimento de massa, por meio da Frente Negra Brasileira. Na segunda fase (1945-1964), o Movimento Negro retomou a atuação no campo político, educacional e cultural. Com a União dos Homens de Cor e o Teatro Experimental do Negro, passou-se a enfatizar a luta pela conquista dos direitos civis. Na terceira fase (1978-2000) surgiram dezenas, centenas de entidades negras, sendo a maior delas o Movimento Negro Unificado (Domingues, 2007, p. 121).

A partir da década de 1980, em um período de intensa mobilização e participação social em direção à democratização do país, emerge uma nova geração de intelectuais negros, muitos dos quais vindos do Movimento Negro. Após a conclusão de seus estudos de pós-graduação, eles ingressam no meio acadêmico como pesquisadores, principalmente em instituições de ensino superior públicas. Embora a presença de pesquisadores negros fosse inicialmente limitada, ao longo da década de 1990, ela começou a se fazer

notar nos círculos intelectuais do Brasil e no campo do conhecimento acadêmico (Oliveira, 2016).

Quando se menciona movimentos e grupos sociais organizados que lutam pela implementação de políticas públicas de reparação, especialmente no âmbito educacional, é importante realizar um recorte histórico para destacar o percurso iniciado pelas instituições pioneiras no Brasil, como a Universidade Federal da Bahia - UFBA, Universidade de São Paulo - USP e Universidade Cândido Mendes - UCAM.

Neste cenário, Sansone (2011) discorre que no ano de 1959, sob a liderança do professor português Agostinho Silva, o Centro de Estudos Afro-Orientais - CEAO foi estabelecido na Universidade Federal da Bahia. Este centro representou um passo significativo, ao se posicionar como uma ponte de diálogo entre a universidade e a comunidade afro-brasileira, assim como entre o Brasil e as nações africanas e asiáticas. O autor também esclarece que o CEAO tem desempenhado um papel ativo em diversas frentes de pesquisa, ensino e extensão, em um contexto de crescente preocupação com questões raciais no Brasil, desempenhando um papel participativo no debate sobre políticas afirmativas.

Dentro desse cenário das lutas dos movimentos sociais negros e da organização de grupos de pesquisadores no meio acadêmico, torna-se oportuno mencionar também o surgimento do Centro de Estudos Africanos da USP – CEA.

Mourão (2011), descreve que entre 1965 a 1968, o Centro de Estudos de Cultura Africana - CECA funcionou junto à antiga cadeira de Sociologia II da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP. Já em 1969 foi estabelecido o Centro de Estudos Africanos - CEA e foi transformado em órgão interdepartamental de apoio ao ensino e à pesquisa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH. Salienta ainda, que muitos convênios foram formalizados com universidades africanas durante estes anos, possibilitando desenvolver um intercâmbio sadio que, entre outros benefícios, resultou em aproximações e conhecimento.

O Centro de Estudos Afro-Asiáticos – CEAA foi estabelecido por Cândido Mendes em meados de 1973, em associação com a Universidade Cândido Mendes. Este centro desempenhou um papel importante promovendo muitos debates acadêmicos, com a participação ativa de membros do Movimento Negro - MN em suas reuniões semanais. A colaboração do MN no CEAA também teve influência nas publicações da Revista Estudos Afro-Asiáticos, que, durante este período concentrou-se em temas relacionados

à independência dos países africanos e questões do terceiro mundo (Schlickmann, 2016).

No contexto apresentado, acredita-se que as manifestações desses intelectuais foram fundamentais para as gerações futuras, uma vez que desafiaram os paradigmas impostos pela sociedade branca dominante. Além disso, Ratts (2011) destaca que na década de 1980 também surgiram alguns núcleos de estudos brasileiros.

Nos anos 1980, são criados alguns Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, protagonizados por mestres e doutores negros/as e com a colaboração de intelectuais brancos/as e outros. É o caso do NEAB-UFAL, NEAB-UFMA, CEAB-UCG (PUC-GO). Outros são criados na década seguinte: NEAB/UFSCar, PENESB-UFF, NUPE-UNESP e NEN-SC. Tais coletivos podem ter sido formados por uma quase totalidade de pesquisadores/as negros/as ou contar com a colaboração de estudiosos/as de outros pertencimentos étnico-raciais (Ratts, 2011, p. 36).

Nessa mesma perspectiva, Siss, Barreto e Oliveira (2013), afirmam que os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros - NEABs tem suas raízes nas iniciativas desses professores negros, com formação em cursos de pós-graduação nas décadas de 1980 e 1990, muitos dos quais participantes do Movimento Negro. Esses professores começaram a integrar o corpo docente em universidades por todo país e a formar grupos, núcleos, laboratórios ou centros de estudos e pesquisas sobre as relações raciais no Brasil.

Prosseguindo com as considerações dos autores mencionados anteriormente, os quais explicam que o surgimento dos NEABs ocorreu durante um período favorável ao processo de democratização do Estado brasileiro.

[...] surgiram numa conjuntura história favorável à democratização do Estado brasileiro, num momento em que as lutas e reivindicações do Movimento Negro nacional pautavam a necessidade do aprofundamento do debate sobre as questões raciais e a importância de ampliação dos espaços político-institucionais e acadêmicos para negros(as) no contexto das ações afirmativas (Siss; Barreto; Oliveira, 2013, p. 08).

De modo semelhante, Gomes (2009) afirma que os intelectuais negros que organizaram, fundaram e desempenham um papel ativo nesses movimentos são predominantemente aqueles que lideram, estabelecem e supervisionam os diversos NEABs que têm surgido no Brasil, especialmente a partir de meados da década de 1990. E nesse mesmo período observa-se a

ascensão de um número substancial de núcleos de pesquisa e extensão, marcando a gradual entrada de um novo contingente de intelectuais negros nas instituições de ensino superior públicas e privadas do país, engajados na luta pela erradicação do racismo.

Roza (2022), destaca que a presença dos NEABs resultantes da organização e reivindicação de intelectuais negros, constitui uma evidência de que as experiências organizativas possibilitam o avanço na luta contra o racismo, tanto dentro quanto fora das instituições.

A existência dos NEABs, a partir da organização e da mobilização das(os) intelectuais negras(os) e a polissemia com que se configuram, demonstra que são experiências organizativas em movimento, que produzem energia, que deslocam ao mesmo tempo em que são deslocados, pela dinâmica das instituições e da própria sociedade. Não se trata de projetos acabados de Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABs), de Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABIs) e seus correlatos. Entretanto a dinâmica da instituição, dos sujeitos que o compõem — docentes, técnico-administrativos, discentes, comunidade externa —, as possibilidades de avanços e recuos, as demandas que tencionam estes Núcleos vão moldando essa complexa rede institucional, que tem sido protagonista no combate ao racismo dentro e fora das universidades e demais instituições de ensino onde se localizam (Roza, 2022, p. 81).

Segundo Oliveira (2016), esses pesquisadores articulam a militância política com a produção do conhecimento relacionado à realidade étnico-racial.

Esses grupos se organizam e se autodenominam com diferentes nomes nos espaços acadêmicos, desde meados dos anos noventa do século passado. Os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABs) e a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), criada a partir do ano 2000, são exemplos concretos da atuação organizada desses intelectuais enquanto sujeitos coletivos. Através desses espaços os intelectuais negros buscam mapear, problematizar, analisar e produzir conhecimento com o objetivo de dar visibilidade a subjetividades, desigualdades, silenciamentos e omissões em relação a determinados grupos socio-raciais e suas vivências (Oliveira, 2016, p. 199).

Com isso, a presença de professores e estudantes negros adquire uma maior organização e articulação, culminando em eventos que reivindicam a promoção de políticas públicas educacionais que visam beneficiar a população negra (Ratts, 2011).

São realizados eventos como o I Encontro de Docentes, Pesquisadores e Pós-Graduandos Negros, na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Campus Marília, em 1989, e o Seminário Nacional de Universitários Negros, em Salvador, no ano de 1993, que tem como tema “A universidade que o povo negro quer”. Este processo culmina em 2000, em Recife, na UFPE, com a organização do I Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, no qual é criada a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), proposição do engenheiro e educador Henrique Cunha Jr. Como participantes deste cenário, estão graduandos/as e pós-graduandos/as que posteriormente assumem a docência e participam da consolidação e criação de NEABs, situação na qual me incluo, o que me permite tecer considerações como observador participante (Ratts, 2011, p. 36).

Adicionalmente, acrescenta-se que a Marcha Zumbi dos Palmares, ocorrida em 20 de novembro de 1995 na cidade de Brasília, constituiu um ponto de partida para o reforço das demandas do Movimento Negro Brasileiro. Nesse cenário, os NEABs ganharam força no campo das ações afirmativas (Silva, 2018).

Em decorrência dessa Marcha, Siss, Barreto e Oliveira (2013), destacam que esta teve impactos na participação do Brasil em duas conferências importantes: a I Conferência Nacional Contra o Racismo e a Intolerância, realizada na cidade do Rio de Janeiro em 2001, e a III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, ocorrida em Durban, na África do Sul, também em 2001. Além disso, reforçam a narrativa de que a partir da conferência Mundial, os NEABs proliferam e estabeleceram como locais ou fóruns nos quais a questão étnico-racial é refletida e adquire maior destaque.

Ainda no ano de 2000, ocorreu o I Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros – COPENE realizado em Recife, Pernambuco. Nesse evento foi aprovada a constituição da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros – ABPN. Esta, com alcance nacional, atua na organização do COPENE, unindo produção teórica e ativismo político. Já o COPENE “prima pela construção científica na temática racial, por meio dos debates entre intelectuais africanos, afro-americanos e latino-americanos” (Oliveira, 2020, p. 136).

Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN⁵ é uma associação civil, sem fins lucrativos, filantrópica, assistencial, cultural, científica e independente, tendo por finalidade o ensino, pesquisa e extensão acadêmico-científica sobre temas de interesse das populações negras do Brasil (ABPN, 2024).

A ABPN com o propósito de promover a pesquisa e o estudo das questões étnico-raciais estabeleceu parceria com os NEABs instituindo a Rede Nacional dos NEABs – CONNEABS.

O CONNEABS tem por finalidade o fortalecimento institucional de seus constituintes no que tange à implementação, acompanhamento e avaliação das políticas afirmativas nas instituições, bem como as iniciativas acadêmicas que visem a erradicação do racismo, da discriminação racial e o fortalecimento da identidade negra (Marques; Silva, 2016, p. 5).

No âmbito dessa parceria, o CONNEABS estabelece uma cooperação com a ABPN, em uma dinâmica de coordenação e intercâmbio com a crescente participação de acadêmicos negros e movimentos sociais. O CONNEABS possibilita a integração de vivências e conhecimentos que emergem no cotidiano de cada núcleo (Marques; Silva, 2016).

Nesse sentido, é importante ressaltar que as pesquisas realizadas pelos NEABs têm a possibilidade de serem divulgadas durante o Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros - COPENE, desempenhando um papel importante na disseminação desses estudos, e na promoção da discussão e divulgação da história afro-brasileira e indígena.

Além disso, destaca-se a promulgação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, aprovadas em um período histórico favorável às demandas dos movimentos sociais afro-brasileiros. Essas leis estabeleceram a inclusão obrigatória do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no currículo oficial das escolas, sejam elas públicas ou privadas, em todo o território nacional. Adicionalmente, a autora relata que esse cenário também foi um fator contribuinte para o surgimento dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas - NEABs (Dias, 2020).

Nessa circunstância, Roza (2022) aponta que no âmbito das universidades federais o NEAB/UFSCar foi um dos primeiros do Brasil, estabelecido em 1991, o que lhe garante uma trajetória sólida, além de reconhecimentos institucionais e entre intelectuais negros. O segundo é o

⁵ Fonte: disponível em: <https://abpn.org.br/>. Acesso em: 17 jul. 2024.

NEAB/UFMG, fundado em 2002, em contexto bastante desafiador para discutir ações afirmativas nas universidades.

O surgimento dos NEABIs e grupos correlatos representa uma trajetória de engajamento voltada à inclusão e valorização das questões étnico-raciais no ambiente institucional. Desde as primeiras iniciativas, esses núcleos têm funcionado como espaços de resistência e conscientização, fortalecendo as práticas pedagógicas antirracistas. Essa trajetória reafirma o papel desses núcleos na promoção de uma educação democrática e antirracista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo conceituar os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas - NEABIs, descrever a história do surgimento e desenvolvimento desses núcleos desde os primeiros grupos de estudos voltados para temáticas étnico-raciais no Brasil até a atualidade. Para o desenvolvimento deste estudo, utilizou-se a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa e análise documental.

Durante o estudo, identificamos várias definições para o NEABI. Nesse sentido, constatamos que esses núcleos são espaços institucionais de acolhimento, voltados à promoção da inclusão, formação antirracista, valorização da cultura afro-brasileira e indígena, e especialmente enfrentamento das desigualdades étnico-raciais.

Os depoimentos dos membros dos NEABIs e/ou grupos correlatos destacaram os impactos positivos desses espaços na formação pessoal, acadêmica e profissional dos envolvidos sejam negros ou não. O estudo aponta que as experiências compartilhadas reforçam a importância dos NEABIs na promoção do debate sobre as relações étnico-raciais, na conscientização sobre a diversidade cultural brasileira, e na busca por uma educação emancipatória e antirracista.

Essa perspectiva favorece a construção de um espaço inclusivo onde pessoas diferentes podem se unir em prol de um ideal comum, fortalecendo o compromisso com a igualdade e a justiça social. Esse ambiente não só enriquece o debate, mas também promove a solidariedade e a cooperação entre todos os envolvidos, contribuindo para uma sociedade mais justa e equitativa.

O estudo revelou que os primeiros núcleos de pesquisa surgiram na década de 1950, impulsionados por intelectuais negros que buscavam combater o racismo através da produção do conhecimento acadêmico. Com o

passar dos anos, especialmente a partir da década de 1990 e com o advento de políticas públicas como a Lei 10.639/03, os NEABIs se consolidaram como espaços de resistência e formulação de políticas afirmativas nas universidades e instituições de ensino.

Além disso, esses espaços têm impulsionado transformações nas práticas pedagógicas, orientando educadores e participantes a adotarem abordagens mais inclusivas frente às relações étnico-raciais, contribuindo, assim, para uma educação mais democrática e antirracista.

Dessa forma, destacamos que os NEABIs atuam na transformação do cenário educacional brasileiro, atuando não apenas como núcleos de produção de conhecimento, mas também como agentes de mudança social e cultural. Portanto, o fortalecimento desses núcleos assegura a continuidade de suas ações transformadoras, permitindo que suas iniciativas tenham um impacto duradouro e ampliado no combate ao racismo e na promoção da diversidade.

REFERÊNCIAS

Alves, Alcilene Oliveira. ATUAÇÃO E POSSIBILIDADES PARA O NEABI DO IFAC -CAMPUS RIO BRANCO. **Em Favor de Igualdade Racial**, Rio Branco, v.3 n.2, p. 03-18, fev/jul2020 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/3254/2228> Acesso em 1 nov. 2023.

Associação Brasileira de Pesquisadores Negros. **Institucional**. Disponível em: <https://abpn.org.br/institucional/> Acesso em 07 mar. 2024

Bastos, Maria Clotilde Pires; Ferreira Daniela Vitor. Metodologia científica. Londrina: Editora e Distribuidora. Educacional S.A., 2016.

Bente, Anna M. Canavarro; Pereira Mariana Cunha; Costa Kência Gonçalves. Reinventando o currículo nas ações do NEADI, LPEQI e LAGENTE. In: MARQUES, Eugênia. Portela de Siqueira. SILVA, Wilker. (org.). **EDUCAÇÃO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E RESISTÊNCIA: as experiências dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas no Brasil**. São Paulo: Triunfal Gráfica e Editora, 2016. P. 19-35.

Brasil. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 04 mar. 2024.

Brasil. **Lei 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 05 mar. 2024.

Brasil. Ministério da Educação e Cultura. **Resolução CNE/CP n.º 1/2004**. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_res01_04.pdf?query=etnico%20racial Acesso em: 04 mar. 2024.

Brasil. Ministério da Educação e Cultura. **Parecer CNE/CP nº 3/2004**. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_003.pdf?query=etnico%20racial. Acesso em: 04 mar. 2024.

Brasil. Ministério da Educação e Cultura. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorracial e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana**. Brasília: MEC/SECAD, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10206-15-plano-nacional-de-implementacao-das-diretrizes-curriculares-nacionais-para-educacao-dasrelac&category_slug=marco-2012-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 14 mar. 2024

Coelho, Wilma de Nazaré Baía; Soares, Nicelma Josenila Brito. **NÚCLEO GERA: articulações possíveis entre a universidade e a escola básica**. In: MARQUES, Eugênia. Portela de Siqueira. SILVA, Wilker. (org.). **EDUCAÇÃO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E RESISTÊNCIA: as experiências dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas no Brasil**. São Paulo: Triunfal Gráfica e Editora, 2016. P. 59-88.

Coelho, Wlma de Nazaré Baia; Silva, Carlos Aldemir Farias da; Soares, Nicelma Josenila Brito. **Núcleo GERA dez anos: entre a Universidade e a Escola Básica**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016.

Dias, Érica Fernandes. **AValiação de Políticas Públicas de Ações AFIRMATIVAS: A IMPLEMENTAÇÃO DOS NEABI'S - NÚCLEOS DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS - NO IFCE E AS TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**. 146 f. Dissertação (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas) Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas. Fortaleza, 2020.

Domingues, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, 23 p. 100-122, 2007. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf> Acesso: 31 out. 2023.

Faria, Roberta Batista de; Alves, Aline Neves Rodrigues; Silva, Natalino Neves da. O GRUPO DE ESTUDOS AÇÕES AFIRMATIVAS (GEAA): UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA DE ESTUDANTES NEGRAS(OS). **Revista da ABPN**, v. 14, n. Edição Especial, p. 129-146, outubro 2022. Disponível em:
<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1447/1346>. Acesso em: 02 jul. 2024.

Gomes, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade Brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Org.) **Epistemologias do sul**. Edições Almedina S.A, 2009.

Lopes, Ana; Lima, Graziela dos Santos; Moraes, Janine Soares R.; Rascke, Karla Leandro. Experiências Neabianas no núcleo extensionista Rondon: contribuições do núcleo de estudos afro-brasileiros NEAB/UDESC. **Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura**, Florianópolis (SC), v.5, n.1, jan./jun. 2021. Disponível em:
<https://revistas.udesc.br/index.php/cidadaniaemacao/article/view/19969/13085> Acesso em: 11 jul. 2024.

Marques, Eugênia Portela da Silveira; Júnior, Mário Teixeira de Sá; Aguiar, Márcio Mucedula; Silva, Wilder Solidade da. As contribuições do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros – NEAN/UFGD – para a implementação de Políticas afirmativas e Educação das relações étnico-raciais. In: Marques, Eugênia Portela de Siqueira. Silva, Wilker. (org.). **EDUCAÇÃO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E RESISTÊNCIA: as experiências dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas no Brasil**. São Paulo: Triunfal Gráfica e Editora, 2016.

Marques, Eugênia Portela de Siqueira. Silva, Wilker. (org.). **EDUCAÇÃO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E RESISTÊNCIA: as experiências dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas no Brasil**. São Paulo: Triunfal Gráfica e Editora, 2016

Martins, Luci Helena Silva; Souza, Valesca Rodrigues de. O NEABI e a educação para as relações étnico-raciais. **RELACult** Revista Latino Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 07, p. 1-16, ed. Especial, mar., 2021. Disponível em:
<https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1983/1319> Acesso em: 11 jul. 2024

Mattos, Wilson Roberto de; Macêdo, Marluce de Lima. O CEPAIA e as ações afirmativas na UNEB: seguindo rastros e compondo os caminhos. In: MARQUES, Eugênia. Portela de Siqueira. SILVA, Wilker. (org.). **EDUCAÇÃO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E RESISTÊNCIA: as experiências dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas no Brasil**. São Paulo: Triunfal Gráfica e Editora, 2016. P. 171-181.

Miranda, Shirley Aparecida de; Gonçalves, Carmen Regina Teixeira; Santos, Suelen Alves dos; Piragibe, Franz Galvão; Miranda, Silvia Maria de. Justiça Cognitiva: a produção bibliográfica dos NEABs e grupos correlatos. In: SILVA, Paulo Vinicius



Baptista; Regis, Kátia; Miranda, Shirley Aparecida (org.). **Educação das Relações Étnico-Raciais: O ESTADO DA ARTE**. Curitiba: NEAB-UFPR e ABPN, 2018.

Disponível em:

https://www.membros.abpn.org.br/download/download?ID_DOWNLOAD=58

Acesso em: 06 jul. 2023.

Mourão, Fernando Augusto Albuquerque. O centro de estudos africanos da Universidade de São Paulo e os trinta anos da revista *África*. *África*, [S. l.], n. 29-30, p. 9-12, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/96103>. Acesso em: 8 nov. 2023.

Oliveira, Daniela Pinheiro de. **PEDAGOGIA DA DIVERSIDADE: A contribuição do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade Federal do ABC (UFABC) para a formação continuada dos (as) professores (as) no contexto de uma educação antirracista**. 236 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, São Paulo, 2020. Disponível em:

<https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/2160/2/Daniela%20Pinheiro%20de%20Oliveira.pdf> Acesso em: 18 out. 2023.

Oliveira, Otair Fernandes de. O conceito de hegemonia na luta contra o racismo no Brasil: a função dos NEAB's. **(SYN)THESIS**, vol.7, nº 2, p. 191-204, 2016 Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/synthesis/article/view/19669>. Acesso em 10 out. 2023.

Ratts, Alex. **CORPOS NEGROS EDUCADOS: NOTAS ACERCA DO MOVIMENTO NEGRO DE BASE ACADÊMICA**. *Nguzu*, Revista Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos, Londrina, v.1, p. 28-39, 2011. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/items/5bbb4b1c-b4ca-46d1-8d46-8d9accb76ab5> Acesso em: 30 set. 2023.

Roza, Isis Silva. Intelectuais negras e negros partícipes de núcleos de estudos afro-brasileiros: práticas e produções teóricas. **ESTUDOS HISTÓRICOS**, vol. 35, nº 77, p. 478-494, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/eh/a/pkvBjdbGkRr4S5j5wwwDPFR/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15 jul. 2024

Roza, Isis Silva. **Trajetórias, práticas e produção de conhecimento de intelectuais negras e negros dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros da região sudeste**. 259 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2022. Disponível em:

<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/43714/1/TESE%20ISIS%20SILVA%20ROZA%20-%20Trajet%20c3%b3rias%20c%20pr%20c3%a1ticas%20e%20produ%20c3%a7%20c3%a3o%20de%20conhecimento%20de%20intelectuais%20negras%20e%20negros%20dos%20N%20c3%b3cleos%20de%20Estudos%20Afro-Brasileiros%20da%20regi%20c3%a3o%20sudeste.pdf> Acesso em: 30 set. 2023.

Sansone, Lívio. Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO). **Acervo**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 181–188, 2011. Disponível em:

<https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/16>. Acesso em: 18 set. 2023.

Santos, Elisângela de Jesus; Almeida, Fábio Sampaio de; Borges, Roberto Carlos da Silva. NEAB CEFET/RJ: trajetória antirracista na rede profissional e tecnológica de ensino. In: MARQUES, Eugênia. Portela de Siqueira. SILVA, Wilker. (org.). **EDUCAÇÃO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E RESISTÊNCIA: as experiências dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas no Brasil**. São Paulo: Triunfal Gráfica e Editora, 2016.

Schlickmann, Mariana. A trajetória dos estudos africanos no Brasil: 1930 a 1980. **Temporalidades** – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG. v. 8, n. 1, jan./mai., Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5691/3624> Acesso em: 25 set. 2023.

Silva, Gustavo Pinto Alves da. **NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIRO (NEAB) AYÓ: UMA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO**. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Seropédica, 2018. Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/bitstream/20.500.14407/13047/3/2018%20-%20Gustavo%20Pinto%20Alves%20da%20Silva.pdf> Acesso em: 20 out. 2023.

Siss, Ahyas; Barreto, Maria Aparecida Santos Corrêa; Oliveira, Otair Fernandes de. PROCESSOS FORMATIVOS E AS CONTRIBUIÇÕES DOS NÚCLEOS DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS DA UFES E DA UFRRJ. **Revista Teias**, v. 14, n. 34, p. 15, dez. 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24344> Acesso em: 05 set. 2023.

Siss, Ahyas; Fernandes, Otair; Costa, Ricardo. O LEAFRO e as ações afirmativas na UFRRJ: dilemas e perspectivas. In: MARQUES, Eugênia. Portela de Siqueira. SILVA, Wilker. (org.). **EDUCAÇÃO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E RESISTÊNCIA: as experiências dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas no Brasil**. São Paulo: Triunfal Gráfica e Editora, 2016.

Souza, Elizabete Gonçalves de. **EDUCAÇÃO, MILITÂNCIA DECOLONIAL E ANTIRRACISMO: UM ESTUDO SOBRE O ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS – ODEERE/UESB**. 99 f. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade) Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, Jequié, 2021 Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgrec/wp-content/uploads/2021/12/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Elizabete-Gon%C3%A7alves-de-Souza-PPGREC.pdf> Acesso em: 31 out. 2023.

Submissão em 04 de novembro de 2024.
Aceite em 01 de maio de 2025.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

